ODISSEIA
DE HOMERO
(segundo João Vítor)

Gustavo Piqueira

2013

GAIVOTA

Odisseia de Homero (segundo João Vítor)
1º edição – 2013
Copyright © Gustavo Piqueira
Copyright ilustrações © Gustavo Piqueira
Capa e Projeto Gráfico Casa Rex
Revisão Trisco Comunicação
Coordenação Editorial Editora Gaivota
Créditos imagens
Página 41 e 42 – bbbb | Shutterstock.com
Pagina 84 – Victorian Traditions | Shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Piqueira, Gustavo
Odisseia de Homero (segundo João Vítor) --
1. ed. -- São Paulo : Editora Gaivota, 2013.

ISBN 978-85-64816-43-5

1. Ficção - Literatura infantojuvenil
I. Título.

13-06527 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Edição em conformidade com o acordo
ortográfico da língua portuguesa.

Todos os direitos desta edição reservados à **Editora Gaivota Ltda**.
Rua Coronel José Euzébio, 95 – Vila Casa 119-A
Higienópolis – Cep 01239-030
São Paulo – SP – Brasil
Tel: (11) 3081-5739 Fax: (11) 3081-5741
E-mail: gaivota@editoragaivota.com.br
Site: www.editoragaivota.com.br

A reprodução de qualquer parte desta obra é ilegal e configura uma
apropriação indevida dos direitos intelectuais e patrimoniais do autor.

Colégio Marechal Deodoro da Fonseca

6º ano C

Aluno: João Vítor Alves dos Santos

Professora: Denise

Trabalho de recuperação

Resumo e interpretação do livro *Odisseia*, escrito por Homero da Silva. ***(Professora, na edição que peguei da biblioteca não havia sobrenome do autor, apenas o primeiro nome, Homero. Como todo mundo tem sobrenome, coloquei um bem comum. Um chute, confesso. Se errei, quero apenas deixar claro: a culpa não foi minha, mas sim da biblioteca do colégio que empresta livros incompletos a seus alunos, pouco se lixando se alguém repetir de ano por causa disso.)***

Ainda não me conformo com o motivo pelo qual fiquei de recuperação. Injustiça, professora! Injustiça, injustiça, injustiça! Injustiça, injustiça, injustiça, injustiça, injustiça, injustiça! Não me cansarei de repetir: sérios problemas de saúde na família me forçaram a faltar na prova, mês passado. Juro! Sei que, ao serem contatados pelo colégio, meus pais desmentiram. Ninguém estava doente e ambos pensavam que eu havia comparecido às aulas no dia em questão. Mas, professora Denise, quem pode afirmar que disseram a verdade? Por que todo mundo acreditou na versão deles e não na minha? Absurdo, professora! Absurdo! Além do mais, quem garante que meus pais conhecem minha família inteira? Quem? Ninguém! Posso, por exemplo, ser filho adotivo sem que nenhum deles saiba. Ou ter um irmão distante, do qual eles nunca ouviram falar. Ou ainda um quinto avô, além dos dois por parte de pai e dos outros dois por parte de mãe. Por que não? São todas hipóteses perfeitamente possíveis. Perfeitamente. Pois é, mas ninguém da diretoria deu bola, e me jogaram, sem dó, direto para esta recuperação. O mundo é cruel, professora Denise. Cruel. Famílias passam fome na África, crianças morrem assassinadas na Ásia, bons alunos são condenados à recuperação no Brasil. Definitivamente, cruel. Só espero que a senhora leve meu drama em consideração na hora da nota deste trabalho. Confio na sua bondade, professora Denise. Confio muito. Todos querem que eu repita de ano, mas a senhora vai me ajudar.

ODISSEIA

A *Odisseia* começa pelo Sumário. Sumário é a lista dos capítulos (lado esquerdo do papel) alinhados ao número da página em que cada um se inicia (lado direito). Neste livro, os capítulos chamam-se “cantos”, não “capítulos”. Não sei bem o motivo. Talvez porque o livro deva ser cantado, não lido? O que o tornaria a mais longa música do mundo, pois é um tremendo calhamaço. Ou, quem sabe, Homero da Silva tenha feito isso apenas para deixar a *Odisseia* diferente dos outros livros. ***Ora, se todo mundo tenta ser diferente, por que um livro também não pode? É uma questão de diversidade. De direitos humanos. Mmmmm... Estou certo, professora? Serem diferentes, pessoas ou livros, são direitos humanos? Ou me confundi?***

CANTO 1

Muito me espanta que o Fumaça tenha conseguido passar na prova, burro como é. Meu melhor amigo e craque de bola, mas seu cérebro deve ser um maço de couve. Ele só pode ter colado, professora. Só pode. Não encontro outra explicação. Pois a *Odisseia* é, disparado, o livro mais difícil que já li. Disparadíssimo. E olha que já foram quase dez, hein? É. Quase dez livros! Não imagine, porém, que eu não tenha lido a lista enorme que os outros professores passam, ano após ano. Li, li. Li praticamente todos. Não colo nunca, professora. Nunca. Se há uma característica que define a mim, João Vítor, é a honestidade. Jogo aberto, professora. Comigo, é jogo aberto! O fato é que leio a grande maioria na versão da internet. São melhores. Curtinhos, resumidos. Vão direto ao ponto, sem enrolação. Ora, valem igual, não? Valem igual. Os quase dez a que me referi são de papel. Quase dez livros de papel. Bastante, na minha opinião. E nenhum, absolutamente nenhum, era desse jeito. Hoje, contudo, nada de versão curta na internet. Passa das dez e meia da noite, só posso conectar daqui de casa até as nove. E, como preciso entregar este trabalho amanhã cedo, dei azar. Resta encarar esse tijolão de papel...

Sim, já sei o que está pensando neste exato instante, professora Denise: por que o pobre e honesto João Vítor não chama seus pais e pede para abrirem uma exceção? Um diazinho com internet livre, diante de situação tão desesperadora? Parece razoável, concordo. Afinal, se eu não passar, repito de ano. O problema é que minha mãe perguntou, terça passada, se eu já havia lido o livro. Como eu

disse que sim, não posso voltar atrás. Mas não me entenda mal, professora Denise! Não foi mentira! Não, não foi! Deixe-me explicar. Eu quis dizer a ela que já havia lido UMA PARTE do livro. Entendeu? Uma parte. Talvez, na pressa, me esqueci desse detalhe e respondi apenas "sim, mãe", quando deveria ter dito "sim, mãe. Uma parte". Mas foi a pressa, professora Denise! A correria do dia a dia! Infelizmente, por culpa desse mal-entendido, ela acha que já li o livro todo. E, como anda meio sem paciência comigo, não vou cutucar a anta com vara curta. Errei, errei. É a onça. A onça. Não vou cutucar a onça com vara curta. Qual parte? Qual parte do livro eu havia lido? Ah. A capa. Terça passada, eu já havia lido a capa. A capa é uma parte do livro, ninguém pode negar.

Enfim, desculpe ter me desviado do assunto. Vamos lá, de volta ao

CANTO 1

Houve uma guerra na cidade de Troia. Todos os soldados que não morreram voltaram para suas casas, menos Ulisses. Um deus chamado Poseidon o amaldiçoara por ter cegado seu filho, o ciclope Polifemo, condenando o guerreiro a ficar preso na ilha de Ogígia, onde uma ninfa chamada Calipso o queria como marido. Mas Ulisses já era casado em sua terra natal, Ítaca, e queria voltar para a mulher.

Começou mal, hein? "Um deus chamado Poseidon"? Como assim, professora Denise? Não faz sentido. Deus só tem um, e ele se chama Deus mesmo. E seu filho não é nenhum "ciclope Polifemo", mas Jesus. Que, até o Fumaça sabe, foi crucificado, não cegado. Quem, então, é esse ciclope Polifemo? Também não sei o que é uma ninfa. De correto, só o fato de Ulisses não poder se casar com Calipso, mesmo se quisesse. Com duas pessoas ao mesmo tempo, não dá. É a lei. Seria necessário, primeiro, pedir o divórcio para a primeira mulher. Mas, com Ulisses preso à ilha, impossível encontrar a esposa e assinar a papelada da separação.

Ulisses estava havia dez anos na ilha de Calipso quando, aproveitando uma viagem de negócios de Poseidon à Etiópia, os outros deuses se reuniram. Atena, uma deusa, perguntou a Zeus — outro deus e, pelo visto, o chefe — por que não perdoavam Ulisses, já que ele sempre fora um cara certinho e devoto. Zeus concordou e despachou o motoboy Hermes até a ilha de Ogígia, para que intimasse Calipso a liberar o retorno de Ulisses a Ítaca.

Bom, professora, pelo visto, neste livro tem um punhado de deuses, então não vou mais discutir, ok? Se Homero da Silva não sabe que só existe um Deus, problema dele. É tarde da noite, tenho o livro inteiro para ler e preciso passar de ano.

Satisfeita, Atena vai até Ítaca para encontrar o jovem filho de Ulisses, Telêmaco. No meio do trajeto, transforma--se em Mentes, um homem. ***Mentes não é nome, professora Denise. Não seria Mendes? Mendes é nome. Conheço um, da oficina aqui na rua de trás. O Mendes. Ou Mendão, como meu pai o chama.***

Quando Mentes ex-Atena chega ao palácio, há uma festa no salão. Telêmaco saúda a/o visitante e a/o convida para entrar. Apesar do ambiente animado, Telêmaco está triste e se abre com Mentes ex-Atena.

Professora, estou na dúvida se chamo Atena de "o" ou "a", agora que ela mudou de sexo. O que devo fazer? Hoje em dia, é um assunto tão delicado, não quero soar preconceituoso.

O rapaz conta que todos os participantes da festa são, na verdade, homens que acreditam que seu pai está morto e querem desposar a suposta viúva, sua mãe, Penélope. Pior: são penetras. Tinham aparecido no palácio por conta própria e passavam os dias a se esbaldarem com a comida e a bebida da família. Mentes ex--Atena consola o rapaz, inventando uma história na qual afirmava ter encontrado Ulisses, vivo, havia pouco tempo. Pede a Telêmaco que siga até a cidade de Pilo, atrás de notícias do pai. E, caso descubra que ele está vivo, retorne ao palácio de Ítaca e espere. Contudo, se souber que ele morreu, que erga um túmulo em sua homenagem e deixe Penélope livre para aceitar um dos pretendentes. Telêmaco concorda, Mentes ex-Atena vira um pássaro e voa. Telêmaco, então, percebe que a/o visitante era, na verdade, um deus.

Mulher virar homem tudo bem. Normal. Mas virar homem para depois virar ave é demais, né? A pessoa tem que saber o que quer. Não dá pra ficar mudando assim, toda hora.

Penélope surge no salão. Ela entra, toma uma bronca do filho e volta para seu quarto. Telêmaco, então, anuncia a todos a convocação de uma assembleia para a manhã seguinte, na qual comunicará importante decisão. Um dos pretendentes, Antínoo, critica o tom arrogante do rapaz. A festa atravessa a noite, enquanto Telêmaco sobe até seu quarto e fica pensando na vida.

Foi isso, em resumo, o que aconteceu no primeiro canto, professora Denise. Mesmo não tendo ideia do que significam algumas palavras como "sobranceiros", "canistréis" ou "silvícola", acredito que deu para entender o principal: o guerreiro Ulisses não pode voltar para casa, pois está preso numa ilha.

Enquanto isso, um bando de cafajestes pensa que ele morreu e se diverte em festanças no seu palácio, além de querer casar com sua mulher, Penélope. Esta, assim como o filho Telêmaco, não sabe se Ulisses está vivo ou morto, por isso os dois ficam tristes. É tudo. E, sinceramente, daria para contar essa história de um jeito bem mais curto e interessante, como acabei de fazer. Homero da Silva não é um bom escritor, professora. Desculpe se ele for seu parente ou amigo.

CANTO 2

Na manhã seguinte, os cidadãos de Ítaca se reúnem na praça chamada Ágora para ouvir Telêmaco. Mas adivinhe qual a atitude do molengão? Começa a chorar e a reclamar da vida. Seu pai sumiu, pilantras ocupam seu palácio sem pagar nada e querem casar com sua mãe, mimimi, mimimi... O penetra Antínoo, nervoso, se defende. Afirma que a grande culpada pela situação é Penélope, que não vem agindo de forma honesta. Afinal, ela prometera escolher um novo marido logo que terminasse de tecer uma mortalha para Laerte, seu sogro. Mas, passados três anos, nada de completar a tarefa. Uma criada espiã, porém, revelara o mistério de tanta demora: Penélope desmanchava, à noite, o trabalho feito durante o dia. Tudo não passava de um truque para enrolar os caras, entendeu? A mortalha nunca ficaria pronta.

Mutreteira, hein? Tricotava de dia, destricotava à noite... O que é uma mortalha, professora Denise? Uma manta? Cachecol? Pulôver? Bom, seja lá o que for, prova o quanto são imbecis os penetras. Três anos para se costurar um cachecol? Três anos? Dava tempo de fazer o enxoval do bairro todo. Incluindo a Zildinha, que deve usar tamanho GGGGG. Como ninguém se tocou? Talvez por beberem muito nas festas, né? A bebida deixa a pessoa apalermada. Meu pai fica assim, todo domingo. Nem terminamos o almoço e ele já está zureta, matraqueando bobagens com voz pastosa. Depois, desmaia no sofá da sala. Tenho certeza de que, se todo dia fosse domingo, Penélope conseguiria enganá-lo também. Aliás, se não quer casar, porque não fala "não"? Mais simples. Ou, então, tranca a porta do palácio. Ou chama a polícia. Ou... Ah, existem pelo menos cem mil jeitos mais fáceis de enxotar pretendentes do que desperdiçar três anos da vida tricotando um cachecolzinho. Pelo menos cem mil, mesmo com um filho bobalhão daqueles. Não simpatizei com Telêmaco, professora. Nem um pouco. Só reclama! Não é o herói da história, né? O Telêmaco. Não pode ser o herói. Choramingão desse jeito? Antínoo fala, em público, que a mãe do rapaz não é honesta. Sabe o que isso significa, certo? Aqui no bairro, que ela é... Bom, a senhora sabe o que significa, professora. Então. Qual a reação de Telêmaco? Nenhuma, professora. Nenhuma. Se é com a minha mãe, parto pra cima e arrebento. Na hora.

Percebendo que Telêmaco era um inútil, o deus chefão Zeus decide agir por conta própria e ordena que duas águias sobrevoem a praça. As aves planam lado a lado, dirigindo-se ao centro do local. De repente, do nada, começam a atacar uma à outra até se despedaçarem por completo, assustando a multidão. Mensagem dos deuses, grita um velho chamado Haliterses. Mensagem dos deuses! Um aviso de que Ulisses vai voltar e matar todos os pretendentes!

Duas águias se estralhaçam no céu e o vidente deduz que isso significa "Ulisses vai voltar e matar os penetras"? Ah, tá. Como existem charlatões neste mundo, não é, professora Denise? Minha mãe caiu numa dessas há um tempo. Todo mês visitava uma mulher que lia o futuro na borra de café. Acredita? Na borra de café. Sempre voltava impressionada. "Dona

Neide adivinhou tudo sobre mim!". Mas passou-se algum tempo e, como nenhuma previsão da velha se realizou, desistiu. Meu pai deu graças a Deus. Era rasgar dinheiro, segundo ele.

Telêmaco, finalmente, decide dizer algo que preste e avisa a população de Ítaca que sairá em viagem até Pilo e Esparta em busca do pai, Ulisses. Para isso, solicita o empréstimo de um navio, armas e tripulantes. Mas ninguém dá muita bola e, deprimido, o jovem vai até a praia. Como sempre, pede ajuda à deusa Atena. Como sempre, ela surge. Como sempre, fantasiada. Dessa vez, aparece na figura de Mentor, um velho amigo de Ulisses, e tenta acalmar o jovem. Telêmaco deveria voltar tranquilo para casa, pois ela, Atena, cuidaria de todos os preparativos. Dito e feito. Enquanto o peso morto dormia, ela se disfarçou de Telêmaco e, durante a madrugada, coletou os itens necessários à viagem.

Pela manhã, quando o verdadeiro Telêmaco acorda, Atena, novamente disfarçada de Mentor... ***Não dá, professora Denise! Não dá! Essa Atena precisa parar de mudar de personalidade/sexo/animal toda hora! Parece que faz de propósito, só pra me confundir! Por que tanta mudança? Telêmaco vai até a praia e chama por Atena. Precisa se disfarçar como Mentor? Precisa? Ele chama "Atena". "Atena", não "Atena-disfarçada-de-alguma-coisa". Aparece como Atena, saco!***

...Atena, novamente disfarçada de Mentor, avisa que está tudo pronto. Telêmaco faz as malas (pelo menos isso. Só faltava pedir para Atena arrumar as malas dele) e ordena à velha criada Euricleia que esconda o fato de sua mãe até terem se passado onze ou doze dias.

Professora, professora... Se há um herói nessa história toda, sou eu. Eu mesmo, João Vítor, por aguentar tantos absurdos. Acompanhe:

Penélope mora na mesma casa em que o filho. Como o panaca acha que vão se passar onze dias sem ela notar seu sumiço? Onze dias!

Chegando ao porto, o mimado playboy encontra tudo prontinho: navio, armas e remadores de longos cabelos. Atena sopra um vento favorável e a embarcação zarpa.

É demais, né? O cara não faz nada! Nada! Até para soprar o vento ele precisa de ajuda! E por que Atena escolheu uma tripulação de cabeludos? Cabeludos são melhores marinheiros?

CANTO 3

Chegando a Pilo, avistam quinhentos homens realizando um grande churrasco na praia. Telêmaco é recebido pelo chefe do lugar, Nestor, que pergunta ao jovem o motivo da visita. Como resposta, a insuportável ladainha de sempre: o pai sumiu, pilantras ocupam o palácio sem pagar nada e querem casar com sua mãe... Nestor lamenta, mas nada sabe do paradeiro de Ulisses.

Talvez, porém, para puxar assunto, dispara a narrar o retorno de outros guerreiros que também lutaram em Troia. Qual o interesse disso para Telêmaco? Zero. O palerma dá corda ao velho? Claro. Após ouvir inúmeros relatos sobre um bando de desconhecidos, pede que Nestor prossiga e conte, em detalhes, a morte de Agamenon.

Sem comentários, professora Denise. Sem comentários! Não está sofrendo pela ausência do pai? Derramando lágrimas por toda Ítaca? Suplicando a ajuda de deuses, humanos e cabeludos? Qual, então, o interesse em descobrir como morreu um sei-lá-quem chamado Agamenon? Qual? Ah, tenha paciência!

À noite, enquanto os tripulantes cabeludos se espremem no barco, adivinhe quem dorme, confortavelmente, no palácio de Nestor? Ele mesmo, o molengão. Na manhã seguinte, mais um churrasco. Os festeiros piloneses... (Quem nasce em Pilo é pilonês, professora? Ou piloano? Provavelmente, piloano. Pilonês soa muito parecido a polonês, pode gerar confusão.) Os festeiros piloanos degolam e esquartejam uma vitela, que jorra sangue negro. Telêmaco, claro, não presencia a cena nojenta, pois, naquele exato instante, encontra-se no bem-bom. Pra variar. Policasta, filha de Nestor, o ajuda a tomar um banho para, depois, besuntar o corpo do rapaz com azeite. ***Juro que está escrito isso, professora! Juro! Ela dá banho no bebezão e depois passa azeite em seu corpo. Azeite! Aquilo que nós, pessoas normais, usamos para temperar salada!***

O gosmento e temperado jovem senta-se à mesa, devora alguns espetos de carne e parte, de charrete, para Esparta.

Que livro malfeito! Impressionante! Está escrito que Telêmaco viaja de carro, mas um carro puxado por cavalos. Todo mundo, todo mundo mesmo, sabe que um carro é puxado por pneus, não por cavalos. Cavalos puxam charretes. Corrigi a burrice do autor. Telêmaco vai de charrete a Esparta.

Fim do capítulo. Dois churrascos, um banho de azeite, uma viagem de charrete e nada mais. Tremendo desperdício de papel.

CANTO 4

Já em Esparta, a charrete dirige-se ao palácio, onde uma grande festa celebrava o casamento de dois filhos do rei Menelau.

Inteligente o Menelau. Porque essas festas custam uma dinheirama. Pelo menos foi o que meus pais comentaram quando a prima Sonia casou. Comida, bebida, DJ, vestido, salão, flores... É muita coisa. Por isso, a ideia de juntar dois filhos num pacotão foi boa.

Após ser apresentado ao anfitrião, Telêmaco ganha mais um banho de azeite. Dessa vez, depois de temperarem o playboy, as servas do palácio cobrem-no com uma capa de lã. ***Nojento, professora Denise! Deve ter grudado tudo! Casaco de lã em cima de azeite? Nojento! Será que elas fizeram para sacanear o molengão? Pode ser, hein? Bem feito para o pamonha! Bem feito!***

Menelau, sem conhecer a verdadeira identidade dos visitantes, começa a falar de Ulisses. Telêmaco reage como sempre. Chora. Óbvio, o inútil não sabe fazer outra coisa. Helena, mulher do rei, suspeita que o recém-chegado seja filho de Ulisses e, talvez temendo que o depressivo jovem pudesse estragar a festa, põe uma droga na bebida dos convidados que os faz esquecer todos os males.

Já ouvi falar disso. É um golpe que dão, "boa noite cinderela". Colocam droga na bebida da pessoa, ela dorme e ladrões roubam tudo. Mas acho que Helena não vai roubar nada, não. Só usou para Telêmaco calar a boca. Está certíssima. Ninguém merece ouvir tanta lamúria.

Telêmaco — gosmento, grudado e agora drogado — confirma ser quem o casal imaginava. Menelau e Helena passam, então, a narrar suas aventuras ao lado de Ulisses na guerra de Troia. Não entram em muitos detalhes, mas, pelo que pude entender, Helena pulou a cerca durante a batalha. Culpa dos deuses, segundo ela.

"Culpa dos deuses." Cada uma que inventam, né, professora Denise? Meu pai já pôs a culpa no Governo. Há uns três anos, ele começou a chegar muito tarde da concessionária. Toda noite, era abrir a porta e começar a gritaria aqui em casa. "Onde você estava, Luiz Otávio?" "Trabalhando, querida. Trabalhando." "Até as duas horas da manhã?" "Muito movimento, meu bem." "Luiz Otávio! Duas da manhã?!" "Amor, o Governo abre essas linhas de crédito e a turma enlouquece comprando carro zero. O que posso fazer?" "Ah! Quer dizer que a culpa é do Governo?" "Isso, florzinha. Do Governo." Depois de um tempo, as coisas se acalmaram e meu pai voltou ao horário normal. Não sei exatamente o que aconteceu, mas estou proibido de falar na Suelly, colega dele na concessionária. Até achava a Su simpática, sabe? Encontrei uma ou duas vezes, nas festas de fim de ano do trabalho do meu pai. Animada, divertida, sempre no samba. Mas minha mãe a odeia. "João Vítor, não ouse nem citar o nome daquela piranha oxigenada! Nem o nome!"

Na manhã seguinte, para total desespero deste pobre João Vítor, Telêmaco encontra Menelau e, já recuperado do boa noite cinderela, lamenta sua vida pela milionésima vez. O pai sumiu, pilantras ocupam o palácio sem pagar nada e querem casar com sua mãe... O rei de Esparta, perspicaz, rapidamente muda de assunto e conta uma história da qual nada entendi, protagonizada por algumas focas. Depois, emenda a falar do tal Agamenon. Finalmente, termina por revelar aquilo que todos nós já sabíamos: Ulisses se encontra preso na ilha de Calipso. Presenteia o mimado Telêmaco com uma taça de ouro e prata, e o despacha de volta a Pilo.

Enquanto isso, em Ítaca, a festa continua. Porém, ao saberem da viagem do filho de Penélope, os penetras ficam preocupados e, liderados por Antínoo e Eurímaco, tramam uma emboscada para assassinar Telêmaco.

Gostei da ideia! Gostei e estou torcendo para que consigam matar logo esse idiota. Quem sabe, assim, o livro engata? Porque, juro, se for necessário escolher entre repetir de ano ou aguentar "meu pai sumiu, pilantras ocupam o palácio sem pagar nada e querem casar com minha mãe" todo maldito capítulo, prefiro repetir de ano. Juro que prefiro.